



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/awa-guaja/>

Água, mel e caça não podem acabar: a cosmologia do povo Indígena Awá-Guajá e a ameaça do céu cair sobre nossas cabeças

Maria das Glória Feitosa Freitas ou Yeye Oribato Obàtálá Ilé Ifè[1]

Adentrando a cosmologia dos Awá-Guajá, através de várias leituras, é possível perceber como, para este povo, a destruição da floresta é a destruição da vida da Terra e do céu, é uma ameaça real de fome terrestre e fome celestial.

Falarei aqui de forma muito simples e sem nenhum fundamento pessoal de pesquisa sobre Povo Indígena Awá-Guajá. Lendo alguns autores descobri um pouco sobre a cosmologia do Povo Indígena Awá-Guajá (residente no norte do Maranhão, na Amazônia legal). Tal cosmologia diz que é na floresta que é possível adquirir caça, mel e água. Inclusive para os antepassados mortos que vivem no céu. O fim da floresta é trágico, é o fim da vida aqui na terra e no céu. Há um mundo espiritual onde todos os Awá vão viver depois da morte. Os viventes do céu frequentam a floresta aqui na Terra para pegar água, mel e caça necessários para boas festas no céu. Os Awá-Guajá consideram que três coisas não devem acabar na floresta: caça, mel e água. A floresta é o elo de ligação entre esses dois mundos. Os Awá-Guajá são favoráveis à preservação da floresta e lutam contra o desmatamento por uma convicção relacionada à cosmologia Awá-Guajá. Seres viventes no céu vão morrer de fome, de sede e o céu vai cair sobre nossas cabeças aqui na terra. É possível dialogar/aprender com esta cosmologia e pensar na nossa relação atual com a água e sem a água? Os Guajá se autodenominam Awá, termo que significa "homem", "pessoa" ou "gente". As origens deste povo são obscuras, porém acredita-se que seja originário do baixo rio Tocantins no estado do Pará. Formava, provavelmente junto Ka'apor, Tembé e Guajajara (Tenetehara), um conjunto maior, da família lingüística Tupi-Guarani naquela região (Gomes 1988, 1989 & 1991; Balée 1994).

Na medida que a expansão colonial foi exercendo uma pressão sobre estes grupos indígenas, houve uma dispersão dos mesmos. Acredita-se que a partir do conflito da Cabanagem, em torno de 1835-1840, este conjunto iniciou uma migração no sentido leste, rumo ao Maranhão. É provável que por



volta de 1950 todos os Guajá já estivessem vivendo neste estado, no lado leste do rio Gurupi (Gomes 1989 & 1991).

Segundo [Mirian Leitão e Sebastião Salgado](#), para os Awá, a tragédia do desmatamento atinge a terra e o céu. A perda da floresta é mais que o fim do mundo. É o fim do que está por vir após a morte. O desmatamento ameaça a vida que eles têm e a que um dia terão quando forem “Karauaras”, os seres nos quais os ex-vivos se transformam. Na sua explicação do mundo, os mortos vão para um outro patamar, onde também é a floresta. Lá, eles se transformam em seres duplos: são humanos, mas também parte da floresta e vivem dela. O desmatamento não daria só uma fome aqui, para os vivos, mas uma fome celestial.

Essa explicação quem dá é Uirá Garcia, na sua tese de Doutorado na USP, defendida em 2010 [Karawara – A caça e o mundo dos Awá-guajá](#): eles fazem um ritual de tocaia na seca (na época que as chuvas desaparecem) para encontrar os que já morreram no que eles chamam de céu. O mundo tem vários patamares. E eles sobem nesse outro patamar, onde os mortos vivem como um novo humano celeste. Esses seres, os Karauaras, são duplos: meio humanos, mas seres da floresta. Há o Karauara Bacaba, por exemplo, uma árvore. Ou o que é Moceró, uma pomba. Esses seres são caçadores magníficos, caçam melhor que os humanos e são especializados. Cada um caça um tipo de animal. Se um dia a floresta acabar, isso vai significar a ameaça de uma fome na Terra e no céu. Tem um dever, depois da morte — da mesma forma que para nós existe —, mas que para eles pode acabar, se não houver floresta; o universo deles desmorona com o desmatamento. É como se você fosse morrer e, além disso, o mundo para o qual você acredita que vai não fosse existir mais — explica Uirá.

Os Awá são seres florestais em tudo. Sabem a dieta de cada animal que depois, um dia, caçarão. Creem que há uma relação complexa entre os animais e os outros seres da floresta. Eles caçam, o que para um conservacionista poderia parecer agressão à natureza, mas o fazem com os cuidados da preservação das espécies. É delas que vivem. A maior parte desse grupo mora em casas de pau a pique reunidas em círculo, mas cada família nuclear, com a sua casa. Isso que a Funai chama de aldeia, eles chamam de “Funai”. Eles foram nômades, não entendiam o conceito do que vivem agora. No meio, há uma área coberta, sem paredes, de convivência, e um jirau onde há sempre uma caça assando e defumando. A caça é dividida entre as famílias ([Leia mais](#)).



Aprendo com Uirá Garcia, que para os Awás os trovões são os tapãna com muita raiva, Imaly é a raiva dos tapãna... tapãna é sempre assim raivoso. Então os Awa começam logo a cantar, canção de um Karawá chamado de Takwarí Piñi (pĩñi). Somente este ser celestial consegue atemorizar tapãna com seu canto. A regra é quanto começam os trovões é hora de cantar para os tapãna nervosos e que da terra se ouve o som dos gritos deles, os trovões são gritos de tapãna... cantar e cantar e cantar até parar de trovejar. Até que param de gritar e estão mais calmos. Chuva é tempo de ir pouco na mata... mas chuva engorda planta que engorda caça... o jeito é saber esperar na rede... para um dia comer caça gorda.... As chuvas frutificam as plantas, grande parte destes frutos não são consumidos pelos humanos e os animais engordam. É a época de engorda dos animais (ikirá hamãe – muito gordos). Costumam fazer incisões com galhos ou facas nos animais abatidos como macacos e quatis para ver a gordura da caça. Os mais gordos animais batidos trazem a alegria para os Awá. Costumam caçar guaribas, macacos, queixadas, caititus, antas, cotias, quatis, pacas e aves como inhambus, jacus, mutum-cavalo e jacamins bem gordos de tanto que comeram frutos

As mudanças de estações... as chuvas... também são controlados no céu: quem controla as caídas do reservatório celeste onde está toda a água é Maíra, criador da humanidade. Maíra é quem nada na torneira. E ainda explicam que pelos karawara que vivem no iwá. Eles controlariam esta torneira e também são exímios caçadores de animais na terra e enviados para o lwá ou céu. Eles controlam a quantidade de chuva durante a estação de chuvas. E são os karawara que realizam as caças, extraem o mel e buscam água fresca. A água celestial é imprópria para o consumo. Um belo dia os Karawara decidem fechar a torneira, descem para caçar, colher mel e buscar água fresca e quando retornam deste trabalho na terra e já estão lá no céu podem novamente ligam a torneira.

É o céu que manda chover... e no verão é bom para ir dançar no céu: durante o Kwatahy (verão) os Awás podem visitar o IWÁ. Verão é o tempo sem chuva na Amazônia. É no verão que Maíra vai visitar seus parentes de sua esposa em regiões situadas mais a leste no céu, outro patamar mais próximo da terra. Por lá ficará com seus cunhados e sogros até o próximo inverno. Neste período de férias de Maíra, no Kwatahy verão que o fluxo de água celestial cessa, cessa a amyna/água celeste. Sem chuvas é possível aos Awás ir ao lwá, cantar com os karawá e os Awá celestes também visitam a aldeia na terra. Sem o verão seria impossível este trânsito para o lwa/céu dos Awá.



Os Awá afirmam que a água celestial é destruidora e deve ser constantemente equilibrada tendo as estações de chuva e verão como consequência natural deste equilíbrio. A Água é vermelha (pinã) e quente (hakú) é nociva aos Awás que vivem na terra. Durante a queda, em forma de chuva, a água do Iwá passa por um processo de esfriamento até tocar o chão na terra. Torna-se boa e não nociva. Esta água que vem lá do Iwá/céu na estação chuvosa vem lá desta imensa água do céu/ Iwá Ya.

Os Awá mais velhos não sabem nadar e não estão ligados ao rio para navegar. Caçavam muito mais do que pescavam. Não precisam dos rios e fugiram no passado dos rios para não encontrar os brancos ou os indígenas com mais contatos com os brancos. Não estavam ligados a agricultura e, portanto, não precisavam dos rios para pubar uma carga de mandioca. Usavam pequenos igarapés e outras áreas alagadas para ter água e algum peixe. Usam cacimbas a beira de cursos d'água. Atualmente a aldeia juriti possui bomba d'água e outras aldeias possuem caixas de água. É possível encontrar cacimbinhas antigas e facilmente reativadas. Esta água de cacimba é mais turva que a água de rio e os Awás falam que esta água mais turva das cacimbas é mais limpa que a do rio e por isso preferem. Os Awá falam que a água do rio é só aparentemente cristalina. A água do rio é vista como repleta de dejetos de animais, animais morrem dentro do rio. A água de cacimba não tem contato com a do rio.

Indagados se não sentiam falta do rio no passado (porque hoje estão morando perto do rio) afirmaram que tinham que caminhar várias vezes ao igarapé não tão distante dos acampamentos e lá banhavam as crianças e lavavam as caças sem nenhuma dificuldade e livre do indesejado encontro com karará e karaí, outros indígenas e brancos. Sabiam que este contato iria mudar drasticamente suas vidas.

Como surgiram os rios? Rios e igarapés foram abertos como se abrem estradas por um jacaré comedor de humanos, grande e perigoso. O imenso jacaré derrubava árvores e por onde passava ia abrindo caminho para a água que chegaria depois. Foi como a força de trator que abrem estradas ilegais nos seus territórios por estes madeireiros. Terminando o seu trabalho vieram os cursos dos rios inundados por água. O Jacaré tinha aparência humana, não tinha rabo e sua pele parecia com a pele de um Awá.



[1] Pesquisadora Colaboradora no Labjor-Unicamp, Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), membro da Casa dos Atoris de Obàtálá e Yemòó. Email: gloriafreitas@alumni.usp.br